



# **A mediação virtual como estratégia para o ensino da Literatura**



Eliana Nagamini

## 1. INTRODUÇÃO

**A**s transformações do mundo contemporâneo atingem vários setores, dentre eles o educacional. No contexto escolar, a busca por novas estratégias de ensino-aprendizagem tem sido cada vez mais intensa para não afastar os jovens das atividades escolares, principalmente em relação à leitura.

Essa realidade torna-se mais evidente quando os jovens trocam livros pelo computador. O passeio pela internet, mesmo que não se desdobre em itinerários fascinantes do conhecimento, desperta curiosidade e interesse por diversas formas de entretenimento, além de construir outros modos de perceber o mundo.

É preciso reconhecer que o descentramento e a destemporalização do saber, apontada por Martin-Barbero (2014), são indicativos de novas percepções e sensibilidades. Por isso, pensar nas estratégias utilizadas para o processo de ensino-aprendizagem na escola, diante de um novo contexto tecnológico, pode propiciar melhor desempenho e desenvolvimento cognitivo do aluno, nas suas competências e habilidades, principalmente em relação ao universo fantástico da Literatura.

A introdução de computadores nas escolas e a capacitação dos educadores com vistas a uma formação mais tecnológica, sem dúvida são iniciativas positivas no sentido de melhorar e modernizar a escola. No PCN Ensino Médio, a área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, viabiliza o diálogo entre Língua Portuguesa, Língua Estrangeira Moderna, Educação Física e Artes, intermediado pelas TICs.

Segundo pesquisa realizada por Citelli, na rede estadual de ensino de São Paulo,

nos últimos anos as escolas vêm se equipando dos recursos audiovisuais. Itens como televisão, DVD, rádio, aparelhos de CD estão presentes em praticamente toda a rede de ensino pública, o que representa uma tentativa de acompanhar a celeridade das mudanças ocorridas no âmbito das tecnologias audiovisuais (2011, p. 69).

Mas, ainda enfrentam-se impedimentos de várias naturezas, como por exemplo, a falta de infraestrutura para o uso dos aparelhos tecnológicos.

Historicamente a escola tem adotado livros didáticos, fornecidos pelas várias editoras especializadas, que têm como finalidade intermediar a construção do conhecimento. Porém, se pretendemos transformar o processo de ensino e aprendizagem, precisamos refletir não somente sobre o papel da escola no mundo contemporâneo, mas também sobre a eficácia do material elaborado para desenvolvimento do conteúdo. Trata-se, portanto, do reconhecimento de que há outras formas de mediação, pois

as tecnologias digitais vêm superando e transformando os modos e processos de produção e socialização de uma variada gama de saberes. O ato de criar, transmitir, armazenar e significar informações acontece como em nenhum outro momento da história. Os novos suportes digitais permitem que as informações sejam manipuladas de forma extremamente rápida e flexível, envolvendo praticamente todas as áreas do conhecimento sistematizado, bem como todo o cotidiano nas suas multifacetadas relações. Vivemos efetivamente uma mudança cultural (SANTOS, 2003, p. 36)

Tal cenário interfere no contexto escola, como ressalta Soares, principalmente no processo comunicacional, ou melhor, no novo **modus comunicandi** que as tecnologias instalam na contemporaneidade, por isso “discute-se sobre as atuais e os vindouros paradigmas da educação em seu confronto/associação com o mundo da informação e sobre o papel do professor/instrutor nesta revolução tecnológica” (2011, p.14).

E alerta, “não se trata, pois, de educar usando o instrumento da comunicação, mas de que a própria comunicação se converta na vértebra dos processos educativos: educar pela comunicação e não para a comunicação” (SOARES, 2011, p. 23).

Um dos desafios da escola, nesse contexto, está relacionado à construção das mensagens. Hoje convivemos com diferentes linguagens e possibilidades de combinações diversas: palavras, sons, imagens, resultando em novas formas de interação, principalmente em relação com o meio tecnológico, pois “a comunicação transformou-se em dimensão estratégica para entendimento da produção, recepção e circulação dos bens simbólicos, dos conjuntos representativos, dos impactos materiais” (Idem, 2011, p. 62).

Propor outras estratégias a partir de ambientes virtuais, que operem com esses novos recursos tecnológicos, pode ser uma maneira de repensar o processo de ensino-aprendizagem, reconfigurando o lugar de construção do saber, não somente no espaço escolar, mas também no ciberespaço<sup>1</sup>. Carvalho e Ivanoff salientam que

estamos vivendo novamente um período de práticas de navegações, inclusive com navegadores. Só que desta vez não só nos oceanos que estamos navegando. Estamos navegando em uma infinidade de novos espaços criados pela mente humana que, em conjunto, chamamos de ciberespaço, Internet, ambiente virtual e tantas outras denominações. (2010, p.4)

Além disso, segundo Aguiar e Rocha,

com a emergência crescente das técnicas que permeiam o ciberespaço, criam-se uma série oportunidades para que se pense, cada vez mais, em ações em favor do uso da tecnologia para formação do cidadão” (2012, p. 158).

Por isso, o objetivo deste trabalho é analisar a potencialidade de estratégias de ensino da Literatura no ambiente virtual, para o Ensino Médio. Com base na proposta de Carvalho e Ivanoff (2010), sobre a construção de rotas de navegação, isto é, de trajetórias estabelecidas para o desenvolvimento de conteúdos no ambiente virtual, traçamos um caminho na direção da Literatura. A construção do conhecimento por meio de vídeos pode integrar positivamente o processo de ensino-aprendizagem na educação formal. Adotamos como metodologia a seleção e análise de material disponibilizado no **youtube** e na TV/Escola. A obra “Morte e Vida Severina”, de João Cabral de Mello Neto, e suas adaptações, são nosso ponto central para traçar o percurso a ser navegado em sala de aula virtual, como extensão da sala de aula presencial.

.....  
1 William Gibson, em seu romance de ficção científica, situa a narrativa no ciberespaço, um lugar virtual em que é possível projeta-se fisicamente e percorrer longas distâncias em pouco tempo. Os lugares tornam-se globalizados ao se romper as fronteiras que marcam os limites das nacionalidades. É assim que Case circula entre Toquio, Chiba City ou Manhattan e Atlanta. No ciberespaço não há corpo, pois este é prisão. “O corpo era carne” (2010: 18) e “Case caiu na prisão da própria carne” (Idem, 18) quando não podia mais alcançar a matrix. O ciberespaço é lugar da diversidade, da liberdade, do vir a ser, do virtual, tomando o conceito de Pierre Levy.

Partimos das reflexões de Orozco Gómez (2014) e Martin-Barbero (2014) sobre o cenário contemporâneo, cuja visualidade adquire destaque nos modos de ensinar e aprender, bem como estabelecem diferentes hábitos culturais. Vale lembrar que nossa proposta insere-se na educação formal e, portanto, sujeita às políticas públicas, instâncias acima do cotidiano pedagógico.

Nossa perspectiva é considerar formas de recontar a obra de João Cabral, que circulam no ambiente virtual, em diferentes linguagens e gêneros, disponíveis para qualquer usuário. Defendemos a ideia de que a inserção desses materiais em vídeo no processo educativo, desde que integrado a um plano de estudo, isto é, numa rota de navegação, possibilitará ao aluno do Ensino Médio maior interação com a Literatura, na medida em que esse percurso componha um contexto coerente, considerando-se os novos hábitos de leitura dos jovens.

## 2. A QUESTÃO DA MEDIAÇÃO: ARTICULANDO CONTEÚDO E ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS

Sempre que pensamos em educação, logo associamos as imagens tradicionais de um professor e uma sala de aula convencional com carteiras enfileiradas, cujo espaço é demarcado pelas paredes da sala de aula e o tempo restrito ao sinal de início e término da aula. Por anos convivemos com esse modelo. Talvez por isso seja difícil vivenciar outra experiência escolar, como a sala de aula virtual.

Porém, ainda que o espaço e o tempo percam sua concretude, ou que a interação seja construída de maneiras distintas no ambiente virtual, na educação formal é importante a seleção do material didático e as estratégias propostas para estudo.

O processo de ensino-aprendizagem realizado por meio da mediação das tecnologias apresenta características distintas daquelas com as quais estamos habituados, tais como, novos modos de interação com o saber e entre professor/aluno, novas relações tempo/espaço, maior autonomia do aluno, presença mais efetiva de vários meios (TV, rádio, CD etc), diversidade de linguagens: articulação entre as linguagens verbais e não verbais. Essas características resultam, na visão de Pierre Levy, em expectativas favoráveis para o ensino em ambientes virtuais<sup>2</sup>,

2 Comentários extraídos de entrevista do filósofo Pierre Levy, postado em 2007, disponível em <http://www>.

que são: experimentação constante; renovação tecnológica; utilização de vários meios; adaptação às novas formas de interação com o saber; mescla entre a educação à distância e a educação clássica: mudanças nas estratégias de ensino-aprendizagem.

Equivocadamente, porém, imagina-se que o simples fato de o aluno ter à disposição uma série de recursos ou informações seja garantia para um bom aprendizado. Concordamos com Palange (2009) que defende a ideia de que sem orientação não há assimilação. Segundo a pesquisadora:

da mesma maneira que a rede é uma porta aberta, para alimentar e saciar nossa curiosidade, e permite o acesso a um universo infinito de informações, ela também pode levar-nos a um sentimento de solidão e de falta de orientação ao flutuarmos num espaço sem limites. (PALANGE, 2009, p. 379)

Para ela, navegar pelo ciberespaço é algo prazeroso para os jovens e a diversidade de mídias por meio da combinação de diferentes linguagens constituiriam o princípio da interação e da interatividade, visto que esse princípio é “fundamental para o processo de comunicação e devem ser garantidos no uso de qualquer meio tecnológico a ser disponibilizado” (MEC, 2007, p. 10). Ademais, a mediação comunicacional, apontada por Orozco Gómez (2014), estruturada em diferentes dispositivos e com múltiplas convergências, torna possível a conectividade.

### 3. NAVEGANDO ENTRE PALAVRAS E IMAGENS

Introduzir estratégias em ambientes virtuais no processo de ensino-aprendizagem exige do professor a reflexão sobre o conteúdo a ser ensinado, em que momento do processo as atividades serão articuladas com outras desenvolvidas presencialmente, e definir o quê e como o conteúdo deve ser apresentado por meio de material audiovisual. Trata-se, portanto, do planejamento que considere os hábitos culturais dos envolvidos para compor a mediação. Por isso, o ambiente virtual torna-se um “espaço de práticas culturais, de negociação de sentidos, em que ocorre o jogo de significações e ressignificações da vida cotidiana” (PALANGE, 2009, p. 379).

.....  
[youtube.com/watch?v=08rVXi55yjE](https://www.youtube.com/watch?v=08rVXi55yjE).

Nosso convívio com a internet, impulsionado pelo discurso do mundo globalizado, permite-nos aprender e apreender cada vez mais as várias linguagens. Do livro ao hipertexto, ampliamos nosso conceito de leitura, antes aplicável ao texto escrito; hoje “lemos” uma diversidade de linguagens.

Martins salienta que

ampliar a noção de leitura pressupõe transformações na visão de mundo em geral e na de cultura em particular. Isso porque estamos presos a um conceito de cultura muito ligado à produção escrita, geralmente provinda do trabalho de letrados (1995, p. 29).

Nesse sentido, o cenário contemporâneo nos encaminha para a abrangência de linguagens. Por isso, concordamos com Orozco, quando destaca a necessidade de uma alfabetização audiovisual, pois

a convergência tecnológica que atualmente multiplica as combinações de formatos, linguagens e estéticas nas diversas telas e interatividade possível entre estas e seus públicos, assumida aqui como a condição comunicacional, abre novos cenários e opções educativas, que, por sua vez, contribuem para facilitar outros modos de produção, intercâmbio e criação comunicativa a seus públicos (2014, p.280).

Tal cenário favorece a interação e comunicação navegando pela internet. Apoiando-nos no estudo de Belle (2004) que aponta o processo de intertextualidade do verso “Navegar é preciso, viver não é preciso”, que representa a “necessidade” de ultrapassar determinadas fronteiras, seja no campo emocional, político ou espacial, como algo veementemente essencial. “Navegar é preciso”, no contexto atual, relaciona-se com a rede de computadores e o espaço virtual. O termo é utilizado consensualmente no meio cibernético e denota que “navegar é colocado ainda como ponto fundamental, mas o meio em que se dão não é mais em meio aquático e sim eletrônico” (BELLE, 2004, p. 100). Assim, se no século XVI, os portugueses desbravaram os mares, hoje, os internautas percorrem o ciberespaço, como os cowboys denominados por Gibson (2010). A hipermídia nos apresenta um “mar de textos polifônicos que se justapõe, se tangenciam e dialogam entre si” (PALANGE, 2009, p. 380). São textos orais, escritos, imagéticos, audiovisuais, narrativas ficcionais ou simulacros científicos.

Concordamos com Palange que nos aponta a necessidade de se “buscar a composição harmônica dessas diversas linguagens que convivem no espaço virtual” (2009, p. 380). Esse é o desafio para a escola, na medida em que propomos o uso da tecnologia como parte integrante do ensino formal, como extensão da sala de aula presencial. Ou seja,

as imagens, os simulacros e os vídeos são recursos poderosos num curso, mas sempre devem estar inseridos num contexto e contribuir para ao desenvolvimento de uma competência definida. A internet tem amplos usos desses recursos e eles são muito sedutores. O que precisamos pensar é se eles são necessários à situação de ensino e que valor agregam. Estamos aprendendo a usar a hipermídia e a convivência simultânea com as diferentes linguagens específicas de cada meio e, para obter um bom resultado, precisamos estudar as características dos diversos recursos e seu uso com intenções educacionais (PALANGE, 2009, p. 383).

Também Silva (2000), ao discutir o fenômeno da comunicação, ressalta que o ato de ler, ou de apreender as mensagens ultrapassa a simplicidade das relações no esquema dos elementos da comunicação. Para ele, a instituição de um código delimita um “campo de compreensão”: compreensão do mundo, pois “o código também deve ser representativo do mundo” (SILVA, 2000, p. 75) e, por isso, “o código não pode ser um sistema fechado, mas um sistema que se reconstrói a partir da constante renovação e transformação do mundo” (Idem, 2000, p. 75).

Já Gerbase (2006) ressalta dois aspectos que precisam ser considerados: os discursos sobre as mudanças no processo educacional e sobre as ferramentas disponíveis no meio digital. O pesquisador também reconhece a importância de estudos sobre o campo linguístico - ainda pouco explorado no ambiente virtual -, pois o aluno “quer ser seduzido pela informação, quer ser instigado a aventurar-se num mundo do conhecimento, e não ser conduzido pela mão longa e tediosa, jornada de imagens e sons tão sedutores quanto um pote de geléia” (GERBASE, 2006: 2). Daí, a importância das rotas de navegação e da condução persuasiva do professor para encaminhar o processo pedagógico. E esse é um dos nossos maiores desafios na escola, visto que não é possível simplesmente transportar a sala de aula presencial para o espaço virtual.

Rodrigues (2005), ao citar Barthes, resgata a ideia da perda da Literatura diante das transformações das condições de produção, de consumo, de circulação da obra literária, e mais ainda, a mudança em seu valor. A proposta de Rodrigues é a retomada do encantamento, próprio da Literatura como fonte de experiências ficcionais, pois “é sabido que o advento da internet e da mídia informatizada vem provocando alterações no imaginário coletivo” (2005, p. 48). E acrescenta que

quando se analisa a manifestação das recentes tecnologias de comunicação (a internet, por exemplo) na criação de novos hábitos culturais, tem-se o costume de observar a chegada da cibercultura pelo prisma da expansão expressiva do imaginário, formando um novo campo de pesquisas do simbólico (RODRIGUES, 2005, p. 49).

O que significa reconhecer que outras formas de apreensão do texto literário também precisam sofrer transformações, pois

o ciberespaço vem mostrando que muito mais elementos humanos se projetam nos ambientes virtuais, promovendo uma revolução em escala planetária ainda não dimensionada pela maior parte dos usuários e estudiosos da rede. A imaginação de identidades povoa a cibercultura, e uma nova percepção de tempo e espaço desabrocha nas relações próprias desse ambiente (RODRIGUES, 2005, p. 49)

Carvalho e Ivanoff (2009) afirmam que as novas tecnologias contribuem para a efetiva aprendizagem, em que o uso de jogos, comunidades virtuais, **blogs**, **e-learning** e redes sociais, introduzem o desafio de planejar a utilização dessas ferramentas e propõe a criação de rotas de navegação, isto é, de um percurso planejado.

#### 4. OS DESAFIOS DO ENSINO DE LITERATURA

Segundo a Proposta Curricular do Estado de São Paulo para o ensino de Língua Portuguesa e Literatura no Ensino Médio, os conteúdos disciplinares foram sistematizados em quatro eixos de estudo: Linguagem e Sociedade, Leitura e expressão escrita, Funcionamento da Língua, Produção e compreensão oral. A articulação desses eixos converge para a formação do indivíduo

que se constitui na linguagem verbal como ser humano, em sua subjetividade, portanto único em relação aos outros, e ser social, ou seja, parte constitutiva de um todo histórico, social e culturalmente construído (SECRETARIA DA EDUCAÇÃO, 2008, p. 59).

O ensino de Língua Portuguesa e Literatura deve não apenas nortear a formação do indivíduo, mas principalmente afastar-se de atividades mecânicas e decorativas das informações. Pois,

desejamos formar nossos alunos para o mundo do conhecimento por meio da linguagem. Conhecer é o ato cognitivo de compreender para transformar a si e ao mundo em que vivemos. Conhecimento é uma rede de significados. Quem conhece, conhece algo ou alguém e conhecer algo, portanto, é participar no processo constante de transformar e atribuir significados e relações ao objeto do conhecimento, seja o verbo, seja o resumo ou o texto literário, por exemplo. (SECRETARIA DA EDUCAÇÃO, 2008, p. 41).

Vale dizer que a Literatura e as diversas linguagens devem ser articuladas para compor um conteúdo coerente com os novos hábitos de leitura. Acrescente-se outro importante aspecto que se ajusta à nossa proposta: a inserção do estudo sobre as relações entre linguagem verbal e não verbal. Isto é, torna-se viável a utilização de estratégias pedagógicas centradas na linguagem audiovisual.

E, conforme a Proposta Curricular do Estado de São Paulo, é inegável a interferência dos meios tecnológicos no processo de ensino-aprendizagem, porque geram outros modos de perceber o mundo, ou ressaltam outras formas de exclusão na sociedade, tendo em vista que

a sociedade do século XXI é cada vez mais caracterizada pelo uso intensivo do conhecimento, seja para trabalhar, conviver ou exercer a cidadania, seja para cuidar do ambiente em que se vive. Essa sociedade, produto da revolução tecnológica que se acelerou na segunda metade do século passado e dos processos políticos que se redesenharam as relações mundiais, já está gerando um novo tipo de desigualdade, ou exclusão, ligada ao uso das tecnologias de comunicação que hoje medeiam o acesso ao conhecimento e aos bens culturais. Na sociedade de hoje, são indesejáveis tanto a exclusão pela falta de acesso a bens materiais quanto a exclusão pela falta de acesso ao conhecimento e aos bens culturais (SECRETARIA DA EDUCAÇÃO, 2008, p. 9).

É por isso que nos interessa tornar significativo o estudo da Literatura, condizente com os novos hábitos culturais, pois concordamos com Candido (2004) quando afirma que a Literatura é um direito de todo ser humano. As diferenças sociais segmentam economicamente a sociedade, impedindo o acesso igualitário aos bens culturais. Por isso, “talvez não haja equilíbrio social

sem a Literatura” (CANDIDO, 2004, p. 175). Ademais, a Literatura permite ao aluno repensar a própria identidade e a sociedade, bem como os seus valores. O desafio da escola é, portanto, estabelecer relações de forma mais direta com o ensino de Literatura, na perspectiva apontada por Rodrigues (2005), qual seja: a do encantamento do texto literário.

As rotas de navegações podem ser múltiplas (CARVALHO e IVANOFF, 2009) com a articulação de diferentes meios: o vídeo com acesso via internet, ou melhor, TV + computador ou ainda games + computador. Nossa perspectiva é compor uma mediação coerente com a percepção e sensibilidade dos jovens, que lhes permita fruir a linguagem literária, ao mesmo tempo em que contribua para a alfabetização audiovisual, na perspectiva de Orozco (2014). Desse modo, para este trabalho, centraremos nossa rota de navegação nos vídeos disponíveis na TV/Escola e no **Youtube**.

A TV Escola foi criada na década de 90, cujo projeto era levar para as escolas, via satélite, subsídios para a formação de professores e/ou material de estudo para os alunos, conforme observamos nas orientações constantes na revista que integra os eventos programados<sup>3</sup>:

A TV Escola é o canal da educação. É a televisão pública do Ministério da Educação destinada aos professores e educadores brasileiros, aos alunos e a todos interessados em aprender. A TV Escola não é um canal de divulgação de políticas públicas da educação. Ela é uma política pública em si, com o objetivo de subsidiar a escola e não substituí-la. E em hipótese alguma, substitui também o professor. A TV Escola não vai “dar aula”, ela é uma ferramenta pedagógica disponível ao professor: seja para complementar sua própria formação, seja para ser utilizada em suas práticas de ensino. Para todos que não são professores, a **TV Escola é um canal para quem se interessa e se preocupa com a educação ou simplesmente quer aprender.**

Os conteúdos seguem as diretrizes curriculares da educação e as propostas de atividades são norteadas por reflexões sobre estratégias de ensino e de aprendizagem em consonância com as necessidades do mundo contemporâneo que, em virtude do avanço tecnológico, exigem outras formas de compor e construir o conhecimento.

3 Disponível em site [http://tvescola.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=category&id=94&Itemid=97](http://tvescola.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=category&id=94&Itemid=97).

Alguns vídeos podem ser introdutórios a fim de orientar e discutir com os alunos o conteúdo dos demais programas que poderão ser eventualmente disponibilizados; saber ler e observar os mecanismos de construção permite maior apreensão do texto.

No entanto, é bom lembrar que apenas a indicação ou exibição do programa não é adequada porque, embora os textos sejam bons, nem sempre o aluno está preparado para o gênero apresentado. Assim, vale a preparação para a dinâmica do programa que será exibido.

Essa observação é aplicável, por exemplo, para o vídeo “O texto e a imagem” que integra o conjunto de programas da TV/Escola<sup>4</sup>, cujo tema é a relação entre o texto e a imagem na produção dos sentidos, com destaque para a imagem como portadora de informações e significados. No vídeo, discutem-se as relações entre a linguagem verbal e a não verbal. Há uma ênfase na importância do reconhecimento da imagem – e sua equivalência com a palavra - como geradora de significação. Com uma linguagem dinâmica, exhibe imagens e depoimentos, como o da ilustradora Graça Lima. O debate sobre o conteúdo do texto pode ser, por exemplo, fonte motivadora para a produção de outros vídeos pelos alunos, para que eles possam vivenciar a construção de um roteiro.

De todo modo, Aguiar e Rocha salientam que “a quantidade de **sites** de redes sociais, disponíveis na **Internet**, que proporcionam a interação entre os usuários e que podem ser aplicadas no ensino-aprendizado são inúmeras” (2012, p.167). Para as pesquisadoras, tudo depende da maneira como o professor elabora estratégias pedagógicas para motivar e aguçar a curiosidade dos alunos. No caso do **Youtube**, site que permite compartilhar vídeos em redes sociais, pode-se criar uma conta e organizar diferentes vídeos para grupos específicos. Porém, ainda que se tenha acesso a vários sites, com múltiplas possibilidades, também concordamos com Aguiar e Rocha ao apontarem a importância do papel do professor na condução do processo didático-pedagógico, ainda que a rota de navegação possa ser percorrida independentemente da sala de aula presencial.

4 Disponível em [http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&coobra=50442](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&coobra=50442).

## 5. CRIANDO UMA ROTA DE NAVEGAÇÃO PARA MORTE E VIDA SEVERINA

Selecionamos quatro vídeos para compor a rota de navegação para a obra de João Cabral de Mello Neto. A obra foi escolhida para este trabalho devido à expressão estética do regionalismo literário. Escrita entre 1954-1955, narra a trajetória do retirante Severino que, por onde passa é acompanhado pela morte, presencia o sofrimento do sertanejo. Além disso, há adaptações disponíveis em vídeo e documentários que podem enriquecer a leitura e o debate sobre a obra.

Em nossa rota de navegação propomos a leitura e interpretação de quatro vídeos, como estratégia de recepção, terminando o caminho com duas produções dos alunos. Os textos, embora disponibilizados em vídeo, seguem características próprias na composição do gênero.

Texto	Gênero	Estratégia
1) Morte e vida severina	Animação/desenho	Recepção: leitura e interpretação
2) De lá pra cá	Documentário	Recepção e reflexão; debate com a criação de chat ou de rede social ou blog
3) Morte e vida severina	Programa de TV	Recepção: leitura e interpretação
4) O Auto de Natal 2003	Peça teatral	Recepção: leitura e interpretação
5) Adaptação audiovisual	Curta-metragem (ficção)	Produção dos alunos; circulação do material em rede social para postagem de comentários
6) Análise sobre a linguagem	Documentário	Produção dos alunos; circulação do material em rede social para postagem de comentários

1) “Morte e vida Severina”: disponível no Youtube<sup>5</sup>, com 55’ 17”, produzido pela TV/Escola e Fundação Joaquim Nabuco.

Trata-se de uma adaptação com desenhos do cartunista Miguel Falcão. Articulam-se imagem e palavra, fiel ao texto do poeta, importante para que o aluno conheça a obra original, aspecto que determinou a escolha dessa recriação.

5 [https://www.youtube.com/watch?v=rrhh\\_w75XMU](https://www.youtube.com/watch?v=rrhh_w75XMU).

A linguagem visual materializa a palavra, atribuindo plasticidade e movimento para o texto de João Cabral. É momento de leitura em que não há certo ou errado, pois a apreensão do texto deve ser livre.

2) “De lá pra cá”: disponível no Youtube<sup>6</sup> em duas partes, de 19’42” e de 14’ 51”, respectivamente, produzido pela TV Brasil e apresentado por Ancelmo Gois; foi ao ar em 28/09/2009.

O programa apresenta depoimentos de Ferreira Gullar, de José Castelo, de Elba Ramalho, de Zelito Viana, entre outros, que contextualizam a obra de João Cabral de Melo Neto. São comentários que permitirão ao aluno compreender o processo criador do poeta, sua estética e temática no contexto literário. Mescla leitura de trechos de poemas, flashes biográficos, fragmentos de filmes inspirados em sua obra “Morte e vida severina”. Ouvir outros comentários sobre a obra, enriquece a leitura.

3) “Morte e vida severina”: disponível no Youtube<sup>7</sup>, com cerca de uma hora de duração, produzida pela TV Globo, em 1981, dirigido por Walter Avancini, trilha sonora de Chico Buarque de Holanda.

O destaque para esta produção é a estética da linguagem da televisão, pois atribui maior dinâmica para a narrativa. Os cortes e tomadas de cena compõem ritmo e movimento expresso no poema, articulando-se com a trilha sonora. É importante para o aluno, neste momento, comparar com a linguagem dos desenhos do cartunista Miguel Falção, para desenvolver a percepção sobre as diferentes formas de expressão estética.

4) “O Auto do Natal”: disponível no Youtube<sup>8</sup>, é uma peça teatral encenada na UFRN (Natal/RN), em 2003, gravado com a direção de Augusto Luis, edição de Paulo Paiva, Natal, RN. Versão adaptada para o teatro, realizada por Moacyr Góes e Cláudia Gomes. Com participação especial de Elba Ramalho, Lázaro Ramos, entre outros.

6 <https://www.youtube.com/watch?v=fKE3YttgYGA>; <https://www.youtube.com/watch?v=2ipKKsN1Qgc>.

7 <https://www.youtube.com/watch?v=MthmmdJgQXY>.

8 <https://www.youtube.com/watch?v=yfF2q6lfVSY>.

Embora a predominância da linguagem teatral seja evidente, é essencial ressaltar a articulação entre teatro e audiovisual para compor o texto híbrido, cujo resultado atribui dinâmica à construção do espaço da narrativa.

#### 5) Produção dos alunos: adaptação proposta pelos alunos.

Os alunos tem liberdade para escolher a linguagem e o roteiro, de acordo com as possibilidades técnicas. Pode-se usar o celular para captura de imagens e o computador para edição, por exemplo.

A produção dos alunos sempre deve ser valorizada e socializada. É o momento em que eles expressam a percepção de mundo, concordando ou contestando as ideias contidas nos textos. Criar um espaço de interação, com a postagem do material no **youtube** ou em rede social, como **facebook**, ou em um **blog**, favorece o processo educativo.

#### 6) Produção dos alunos: documentário.

Outra produção importante seria a de um documentário com depoimentos dos próprios alunos ou com outras pessoas para comentar sobre o processo de adaptação. Vale lembrar que não se trata da definição do valor da adaptação pela fidelidade ou não com a obra original (NAGAMINI, 2004), mas principalmente sobre a importância da mescla de linguagens, da relação intertextual que revela a interpretação da obra literária e também para reconhecer o potencial das tecnologias para construir narrativas.

## 6. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

As rotas de navegação permitem ao aluno encontrar um caminho até a obra literária. Navegar sem leme é um risco para a construção dos sentidos do texto; por isso, salientados que o professor, como mediador, tem importante papel na trajetória.

E, como Martin-Barbero ressalta,

somente assumindo os meios como dimensão estratégica da cultura hoje é que a escola poderá interagir, em primeiro lugar, com os novos campos de experiência surgidos da reorganização dos saberes, dos fluxos de informação e das redes de intercâmbio criativo e lúdico; pelas

hibridizações da ciência e da arte, do trabalho e do ócio. E, em segundo lugar, com os novos modos de representação e ação cidadãos que a cada dia são mais articuladores do local com o mundial (2014, p. 52,53).

A mediação no ambiente virtual, nesse sentido, permite aproximar a escola da contemporaneidade ao compor espaços educativos que considerem as novas formas de circulação, recepção e produção de textos (SOARES, 2011).

Nessa direção, destacamos fatores essenciais para o processo de ensino-aprendizagem, na educação formal:

- a.** sistematização: seleção de materiais de acordo com o conteúdo, como o estudo de obras literárias, no Ensino Médio (PCN, 2008); apontamos possibilidades de articulação com linguagens diferentes, e de reflexões fundamentais para compreender o potencial das tecnologias para construir ou recriar narrativas (MARTIN-BARBERO, 2014);
- b.** estratégia: atividades práticas; hoje, há outras formas de interação e de hábitos culturais que são construídos e constituídos na virtualidade (RODRIGUES, 2005), no computador ou no celular; os diversos textos que circulam no youtube ou na TV/Escola adquirem significado na rota de navegação (CARVALHO e IVANOFF, 2010); a prática pedagógica, longe de cercear a criatividade, indica caminhos para a construção do conhecimento; a leitura de obras literárias precisa ser livre e deve-se permitir ao aluno expressar sua visão de mundo, confrontando com outras percepções e leituras (RODRIGUES, 2005).
- c.** mediação: interação professor-aluno mediado pelo ambiente virtual; a alfabetização audiovisual (OROZCO GÓMEZ, 2014) pressupõe a recepção dos diferentes textos e considerando a existência de uma “gramática internalizada”, isto é, da percepção sobre as diferentes linguagens que o jovem aprende a dominar interagindo com o meio tecnológico; o professor é um orientador no processo, por isso cabe a ele traçar a rota de navegação.

Nem sempre é possível operar desvios de rota, na educação formal; no entanto, experimentar outras formas de construção de rotas de navegação pode e deve ser incentivado, principalmente quando o momento pedagógico é favorável. Desse modo, as rotas de navegação baseadas em hipertextos ou traçadas coletivamente com os alunos tornam-se motivadoras e enriquecem o cotidiano escolar, principalmente na mescla da sala de aula presencial e a virtual (LEVY).

As rotas de navegação cujo destino seja a obra literária, sem dúvida, agrega valor (PALANGE, 2009) quando considera os hábitos culturais de uma geração afeita ao mundo tecnológico que apreende a obra literária de maneira diferente de seus professores. As versões, adaptações, releituras articulam linguagens, exigindo outros mecanismos de constituição e percepção de sentidos; e, por circularem livremente no ciberespaço, criam incertezas e nos obrigam a repensar constantemente o fazer pedagógico. Por isso, aprender a navegar é essencial para a ressignificação das estratégias de leitura de obras literárias, porque todos têm direito à Literatura, conforme defende Candido (2004)

#### 4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, G. A., e ROCHA, J.E.S. "As redes sociais como ferramentas colaborativas para o ensino-aprendizado. In: CURY, Lucilene (org). **Tecnologias digitais nas interfaces da comunicação/educação.Desafios e perspectivas**. Curitiba: Editora CRV, 2012.

BELLE, E., "Um olhar intertextual em: "Navegar é preciso, viver não é preciso". In: **Caderno de Pós-graduação de Letras/Mackenzie**. São Paulo, v.3, n1, PP 91-103, 2004. Disponível em <[http://www.mackenzie.br/fileadmin/Pos\\_Graduacao/Doutorado/Letras/Cadernos/Volume\\_4/010.pdf](http://www.mackenzie.br/fileadmin/Pos_Graduacao/Doutorado/Letras/Cadernos/Volume_4/010.pdf)>, acesso em 09/02/2011.

CANDIDO, A. "Direito à Literatura". In: **Vários Escritos**. Rio de Janeiro: Duas cidades/Ouro sobre Azul, 2004.

CARVALHO, F. C. A. de e IVANOFF, G. B. **Tecnologias que educam. Ensinar e aprender com tecnologias de informação e comunicação**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.

CITELLI, A. "Comunicação e educação: implicações contemporâneas". In: CITELLI, A. e COSTA, M.C.C. **Educomunicação. Construindo uma nova área do conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.

GERBASE, C. **Desafios na construção de uma estética audiovisual para a educação à distância (EAD)**. Logos 24: cinema, imagens e imaginário. Ano 13, 1ª semestre de 2006. Disponível em <[http://www.logos.uerj.br/PDFS/24/6\\_gerbase.pdf](http://www.logos.uerj.br/PDFS/24/6_gerbase.pdf)>.

GIBSON, W. **Neuromancer**. Trad. Fábio Fernandes. 4ª Ed/2ª impressão. São Paulo: Aleph, 2010.

MARTIN-BARBERO, J. **A comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2014.

MARTINS, M. H. **O que é leitura**. 19. São Paulo: Brasiliense, 1995.

MEC. **TV/ Escola**. Disponível em <[http://tvescola.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=category&id=94&Itemid=97](http://tvescola.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=category&id=94&Itemid=97)>.

MEC - SECRETARIA DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA. **Referenciais de qualidade para educação superior à distância**. Brasília: 2007. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/legislacao/refead1.pdf>>, acesso em 10 de fevereiro de 2011.

NAGAMINI, E. **Literatura, Televisão, Escola. Estratégias para leitura de adaptações**. São Paulo: Cortez, 2004.

OROZCO GÓMEZ, G. **Educomunicação. Recepção midiática, aprendizagens e cidadania**. São Paulo: Paulinas, 2014.

PALANGE, I. "Os métodos de preparação de material para cursos on-line. In: **Educação a distância**. O estado da arte. São Paulo: Pearson, 2009, p. 379-385

RODRIGUES, D. G. "Uma profecia de Roland Barthes – literatura e novas tecnologias: a modernidade lida pela pós-modernidade. In: JOBIM, José Luiz. **Literatura e informática**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005.

SANTOS, E. O. “Novas práticas curriculares na educação à distância”. In: **Revista de Comunicação e Educação**, São Paulo: Editora Salesiana. Ano IX, jan/abr.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO. **PCN Ensino médio**. Disponível em <[http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14\\_24.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf)>, acesso em 20 de outubro de 2010.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO. **Proposta Curricular do Estado de São Paulo**, 2008. São Paulo, SP. Disponível em <[http://www.rededosaber.sp.gov.br/portais/Portals/18/arquivos/Prop\\_LP\\_COMP\\_red\\_md\\_20\\_03.pdf](http://www.rededosaber.sp.gov.br/portais/Portals/18/arquivos/Prop_LP_COMP_red_md_20_03.pdf)>. Acesso em 10 de janeiro de 2011.

SILVA, E. T. **O ato de ler. Fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**. 8ª ed. São Paulo: Cortez: 2000.

SOARES, I. O. “Educomunicação: um campo de mediações”. In: CITELLI, A. e COSTA, M.C.C. **Educomunicação. Construindo uma nova área do conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.

•• O/A AUTOR/A ••

**Eliana Nagamini** – Doutora em Ciências da Comunicação (ECA/USP), Mestre em Teoria Literária e Literatura Comparada (FFLCH/USP); docente na Faculdade Cásper Líbero e na Faculdade de Tecnologia São Paulo.